

Espaços e práticas funerárias de Ammaia (Marvão): breves considerações

Sérgio Pereira (Arqueólogo)

RESUMO:

A partir dos inícios do século XX, os espaços funerários de *Ammaia* despertaram a curiosidade de vários investigadores, que se traduziu na escavação de algumas sepulturas e na recolha de um importante

espólio. A nossa ligação ao projecto Cidade Romana de *Ammaia* permitiu-nos recolher um conjunto de informações sobre as áreas de necrópole e respectivas práticas funerárias, de que pretendemos dar notícia.

SUBJECT:

Au début du siècle XX, les espaces funéraires d'*Ammaia* ont intéressé divers investigateurs, qui ont fouillé quelques sépultures et ont découvert beaucoup de pièces archéologiques. De notre travail dans le

projet Cidade Romana de *Ammaia* ont résulté un volume d'information sur les nécropoles e les pratiques funéraires, qui nous présentons dans cet article.

INTRODUÇÃO

A cidade romana de *Ammaia* localiza-se no lugar e freguesia de S. Salvador de Aramenha, no concelho de Marvão e no distrito de Portalegre. O edifício Quinta do Deão (actual museu), construído no limite da área urbana detém as seguintes coordenadas UTM, obtidas sobre a C.M.P. de 1971, folha n.º 348, escala 1:25 000: X – 639142; Y – 4359283.

A cidade foi implantada numa vertente suave virada a Nascente, variando a altitude entre 525 e 545 metros. Parece-nos que a escolha do local se relacione com diversos factores, sobretudo com o facto de ser uma

área abrigada¹, em pleno Vale da Aramenha², com boa aptidão agrícola e abundantes recursos hídricos³. A própria implantação da muralha parece ter tido em conta a posição do rio Sever, que corre a Nordeste, e a ribeira da Madalena, a Sudeste (Anexo I).

O conhecimento científico produzido em torno da evolução da cidade abordou diversos temas, tais como a historiografia, a epigrafia, a sociedade, a economia, o urbanismo, o território, ultimamente sustentados por intervenções arqueológicas. Ainda que no início do século XX se tenham realizado escavações em diversas

áreas de necrópole, a informação sobre as mesmas é reduzida e segmentada, cingindo-se a estudos de materiais exumados⁴, ainda que desprovidos de contexto arqueológico.

Assim, pretendemos dar o nosso modesto contributo

AS ÁREAS FUNERÁRIAS DE AMMAIA

As primeiras referências bibliográficas sobre as áreas funerárias de *Ammaia* surgiram no século XVI, por Frei Amador Arrais (1589-1974, Cap. X, p. 114), referindo que no seu tempo se “acharam sepulturas de marmores preciosos com elegantes letras”.

Diogo Pereira Sotto Maior (1616/1984, p. 35) refere o aparecimento de uma inscrição funerária, dedicada a *Optatus Famulus*⁵, um cristão falecido em 513: “um litreiro que se achou sobre a sepultura, escrito em um pedaço de pedra mármore”.

A partir do século XVIII, os monumentos epigráficos de *Ammaia* foram despertando ainda mais interesse, surgindo mais tarde compilados na obra de Emílio Hubner (1869). Apesar do interesse que a Epigrafia representa para o conhecimento das práticas funerárias da cidade, na medida em que se trata de uma área bem estudada, apenas dela faremos referências pontuais.

No início do século passado, em resultado da amizade entre António Maçãs⁶ e José Leite de Vasconcelos foram conservadas duas importantes colecções de materiais romanos, na maioria, provenientes dos espaços funerários de *Ammaia*. Os materiais que António Maçãs reuniu e ofereceu ao Museu Etnológico de Belém (actual Museu Nacional de Arqueologia) despertaram em Leite de Vasconcelos um grande entusiasmo, chegando mesmo a publicar algumas notícias na imprensa (*Diário de Notícias*, 8-08-1913; *O Século*, 12-08-1913). Esta última destaca-se pela informação que contém sobre a recolha de peças e as primeiras escavações em contexto de necrópole: “explorei quatro sepulturas e vi outras, que tinham sido abertas pelos aldeões nas lavras, além d’isso obtive para o Museu uma importante colecção de vasos de barro e de vidro” (*O Século*, 12-08-1913). No mesmo artigo, Leite de Vasconcelos distingue três tipos de sepulturas: “1º - simples covas; 2º - rectangulares, com paredes feitas de fiadas de tijolos assentes uns sobre os outros; 3º - caixa como as do tipo 2º e de uma espécie de prateleiras em volta, feitas também de tijolo”. Refere depois que “todas elas estavam tapadas por lages e conservavam nu o chão”. Pela descrição, podem

no conhecimento dos espaços e práticas funerárias em *Ammaia*, dando notícia de algumas intervenções arqueológicas realizadas na área da necrópole Nordeste, entre 2002 e 2006.

tratar-se de sepulturas de incineração, dada a presença de cinza e carvões, alguns de cortiça. Nas sepulturas que escavou, registou a presença de “alguns pregos de ferro, terra queimada, e fragmentos cerâmicos, mas entre estes os de uma lucerna que deve datar do século I da era cristã”.

A correspondência trocada entre António Maçãs e Leite de Vasconcelos, publicada por Jorge de Oliveira e Susana Cunha (1994, p. 117, de 3-01-1916), também confirma que algumas das peças provieram de sepulturas. O próprio António Maçãs refere-se em várias ocasiões a espaços funerários: “o que lhe mandei é tudo da Aramenha, sendo os vidros e barros do mesmo cemitério que ahi tem e do tempo das candeias sem asa” (Oliveira & Cunha, 1994, p. 118, de 4-01-1916); “ultimamente apareceu mais uma sepultura onde estavam dois pregos grandes de ferro e uma bilha” (Oliveira & Cunha, 1994, pp. 119, 18-06-1916).

Posteriormente, em 1924, Possidónio Laranjo Coelho (1924/2001, pp. 37-38) acrescenta que na altura em que “se construiu a estrada que de Portalegre se dirige a Marvão e a Castelo de Vide, e a qual passa junto da igreja de S. Salvador da Aramenha, frequentes vezes os trabalhadores deparavam com vasos, sepulturas, inscrições, moedas, objectos de uso doméstico, ânforas e outros preciosos achados”.

As peças recolhidas avulsas e nas primeiras “explorações” de uma pequena parte dos espaços funerários foram sendo publicadas faseadamente, por colecções. Deve-se a Jorge de Alarcão (1971) a publicação de um conjunto de quinze vidros depositados no Museu Nacional de Arqueologia⁷ (MNA). A maioria das peças de vidro revela cronologias alto imperiais (II metade do séc. I – II), com excepção de um copo, cuja utilização se prolongou até ao século IV. Do contexto em que as peças foram recolhidas apenas sabemos que apareceram em sepulturas, sendo as restantes doadas ou adquiridas a particulares.

Mas nem todos os materiais seguiram para o MNA, uma vez que António Maçãs guardou em sua posse

uma colecção de materiais romanos, publicada por Josefa Neves (1972). O conjunto é composto por “vinte exemplares de *terra sigillata*, cinquenta e um vasos de cerâmica comum, quinze peças de vidro, dezoito pedras de anel gravadas e um anel de ouro completo”. A cronologia das peças de *terra sigillata*⁸ reparte-se entre a segunda metade do século I d. C. e o final do século II. Foram classificadas quarenta e duas peças de cerâmica comum⁹, distribuindo-se pelos séculos I d. C. a III. Quanto aos vidros¹⁰, os mais antigos poderão remontar ao governo de Augusto, enquanto os mais recentes datam do século II d. C. Tendo em consideração a cronologia e o estado de conservação das peças, não duvidamos que provenham da área funerária mais antiga da cidade, onde parecem ter ocorrido “escavações pontuais”, sendo um dos objectivos a recolha de peças¹¹.

A informação epigráfica *ammaiense*, em parte relacionada com práticas funerárias, continuou a despertar a curiosidade entre investigadores¹², destacando-se os trabalhos de José d'Encarnação (1984) e Vasco Mantas (2000, 2002 e 2003). Contudo, não podemos ignorar

que a quase totalidade dos achados se encontrava desprovida de contexto arqueológico¹³, pelo menos até 2007.

Para já, e à semelhança de outros sítios arqueológicos, verificámos que os espaços funerários de *Ammaia* foram objecto de cobiça, violações e recolha de peças, tornando-se difícil reconstruir uma parte significativa dessa informação. Se por um lado, as primeiras intervenções parecem não ter sido publicadas, na actualidade os informadores orais que connosco colaboraram solicitaram o anonimato, conservando as informações mais pormenorizadas, como as circunstâncias dos achados, as peças recolhidas e o seu destino.

Centrando-nos agora no objecto da nossa comunicação, os espaços funerários de *Ammaia*, a extensão das necrópoles ainda não se encontra delimitada, tornando-se uma matéria subjectiva. Mesmo assim, com base na informação disponível podemos distinguir três grandes áreas funerárias que gravitavam em torno da cidade (Anexo II).

A NECRÓPOLE NOROESTE

Esta área funerária, a noroeste da cidade e extramuros, estaria localizada até às proximidades da igreja de S. Salvador da Aramenha, ladeando o prolongamento do *cardo maximus*.

As referências a este espaço funerário são escassas, resumindo-se à obra de Laranjo Coelho (1924/2001, p. 38) que refere a ocorrência “nas propriedades situadas na Aramenha e nos seus arredores, entre vários objectos de procedência acentuadamente romana, muitos tijolos de sepulturas, abundantes especialmente no circuito da actual igreja de S. Salvador, o que nos leva a crer que ali fosse outrora a necrópole da velha cidade”. O mesmo autor refere alguns nomes de pessoas que tinham na

sua posse peças recolhidas em contexto funerário, mais tarde oferecidas ao Museu Etnológico de Belém.

Segundo informação oral¹⁴, as obras de terraplanagem nas traseiras da Igreja de S. Salvador da Aramenha e de construção da sede da Junta da Freguesia, nos anos 80, revelaram a presença de “sepulturas e de ossos”. Desconhecendo-se o contexto exacto dos vestígios e enterramentos, podemos considerar que alguns se enquadrassem em cronologias romanas, não descurando a possibilidade de se relacionarem também com a igreja quinhentista e actual de S. Salvador da Aramenha (Anexo II).

A NECRÓPOLE SUDESTE

Apesar da escassez de informação acerca desta área funerária, concebemos que pudesse estender-se desde a entrada da cidade - a Porta Sul - e a respectiva muralha, ultrapassar a Quinta Branca e a ribeira dos Alvarrões até aos terrenos da quinta da agro-pecuária mais a sudeste, arrendada por João Luís Nicolau.

Segundo informação oral surgiram algumas

sepulturas na área da Quinta da Azenha Branca durante a abertura de uma vala, para implantação da conduta de água de abastecimento da cidade de Portalegre¹⁵. Um trabalhador que na altura participou nesta obra, referiu “que notavam logo quando encontravam uma sepultura, porque a terra era negra e mais solta. Por vezes, encontravam bocados de barro, de vidro e até moedas,

mas como o cuidado era pouco, não guardavam os pedaços dos púcaros e taças que iam aparecendo”.

Ligeiramente a sudeste da Quinta da Azenha Branca e de uma pequena quinta, cujo actual rendeiro é João Nicolau, foi recolhida uma cupa de granito¹⁶. A peça foi achada durante a lavra do terreno, sendo depois retirada com a ajuda de uma máquina agrícola. O próprio filho, André Nicolau, recolheu no

mesmo terreno uma estela de xisto, actualmente reutilizada no jardim do Monte da Fonte Carvalho, à saída do lugar do Porto da Espada (Oliveira, 2007, p. 262). A peça encontra-se fragmentada, sendo difícil a sua leitura e interpretação, porém, não deixa dúvidas quanto à sua tipologia e cronologia romana (Anexo II).

A NECRÓPOLE NORDESTE

A terceira grande área de necrópole estender-se-ia entre a muralha nordeste e o rio Sever, grosso modo. Ladeava uma via exterior à cidade, desde o ângulo este da muralha até às imediações do cruzamento da Estrada da Calçadinha com a EN 359.

Mais uma vez, as fontes orais deram-nos conta do aparecimento de algumas sepulturas no terreno de João Cebolas, a nordeste da cidade, mais concretamente, entre o rio Sever e a Estrada da Calçadinha (S. Salvador da Aramenha-Porto de Espada).

Recorde-se que em frente à casa de João Cebolas fora também identificado um *pulvinum*¹⁷, que se encontrava reutilizado sobre a valeta da Estrada da Calçadinha. A peça de granito encontrava-se invertida e a servir de passadiço, tendo sido recolhida por Joaquim Carvalho e depositada no museu de sítio da Fundação Cidade de Ammaia. Apesar de ser um elemento decorativo de um monumento funerário

e de se encontrar numa área de necrópole, encontrava-se descontextualizado.

Entre 2002 e 2006 decorreu uma escavação de emergência a nordeste do actual museu de sítio, antecedendo a construção de um parque de estacionamento. A intervenção permitiu identificar pequenos troços da muralha nordeste, sob a fachada do actual museu (edifício da Quinta do Deão) e sob um muro de sustentação de terras que suporta uma latada. Paralela à muralha foi identificada uma vala de perfil em “V”, também orientada de sudeste para noroeste e escavada no afloramento de xisto, determinando-se que tinha uma dupla função, a de fosso simbólico e de cloaca¹⁸. Em fase tardia ou pós-abandono da cidade foi construída uma via exterior, pontualmente revestida com calçada, cuja largura variava entre os 5 e os 6 m, ladeando a muralha de sudeste para noroeste (Anexo III).



Foto 1: Vista geral do mausoléu.

Ainda na mesma intervenção¹⁹, em frente ao actual museu, foi identificada uma imponente estrutura, construída com grandes silhares de granito. As dimensões dos blocos revelaram-se mais uniformes na altura (47-48 cm), do que no comprimento (93-108 cm) ou na largura (47-67 cm). O assentamento dos silhares foi cuidadosamente preparado através da abertura no afloramento de xisto de uma vala de perfil em U aberto, com 1,30 m de largura no fundo e 1,70 m no topo. A sua profundidade, entre 52 cm e 146 cm, variou consoante a inclinação do afloramento e do próprio terreno.

Na vala de alicerce mais profunda, correspondente à estrutura E.7, conservam-se ainda três fiadas de silhares sobrepostas, na estrutura E.8 subsistem duas fiadas e na E.10 apenas uma. Da estrutura E.9, actualmente sob a estrada municipal ou da Calçadinha, não se conservou qualquer bloco de granito, conservando-se apenas parte do negativo da vala de alicerce. Da construção em geral destaca-se a notável horizontalidade da vala de fundação, bem como a perfeição na junção e sobreposição dos silhares (Anexo III).



Foto 2: Vista geral do mausoléu e respectiva vala de alicerce, com a Sepultura 1 no interior.

O comprimento máximo da estrutura de silhares, mensurável em E.7, é de 8,60 m, enquanto a largura rondaria os 8,50 m, medida aproximada em E.10. A estrutura do edifício, assente em silhares, apresenta assim uma forma quadrangular²⁰. Todavia, observou-se que o afloramento de xisto foi igualmente cortado e preparado para dar continuidade às estruturas E.7 e E.9, no sentido su-sudeste. O prolongamento de E.7 verifica-se no corte do afloramento de xisto e nos respectivos negativos de silhares (E.11), terminando numa cavidade, quadrangular, mais profunda e escavada na rocha. Também a estrutura E.10 se projecta para su-sudeste, reconhecendo-se o negativo ou alicerce escavado no xisto (E.12), que se apresenta paralelo a E.11. Em qualquer dos casos, se juntarmos o comprimento da estrutura de silhares aos negativos dos alicerces, o comprimento do edifício poderia atingir os 13,25 m. Não podemos pensar que são medidas exactas, pois a colocação de molduras sobre os silhares implicaria uma diminuição da espessura das paredes e da dimensão do próprio edifício.

A orientação do edifício é nor-noroeste - su-sueste e a entrada da construção estaria voltada a su-sueste. É bem provável que E.7 e E.9 se prolongassem por E.11 e E.12, respectivamente. O corte do xisto em E.11 é evidente, identificando-se dois negativos de silhares e um negativo quadrangular cerca de 70 cm mais profundo. O facto do segundo negativo se encontrar mais baixo poderia resultar da necessidade de uma maior consistência do alicerce, suportando mais peso naquele ponto. Em E.12, o corte do xisto criou uma vala horizontal, de perfil em U aberto, depreendendo-se a continuidade de E.9.

A destruição da construção até ao nível do alicerce apagou os vestígios do pavimento ou nível de circulação, levantando mesmo algumas dúvidas quanto à sua conclusão. O nível de circulação não seria inferior à cota dos silhares mais elevados (524,08 m). É certo, que a proximidade da calçada que servia o vale da Aramenha pode ter contribuído para o desmonte e reutilização da silharia e das restantes pedras ou elementos arquitectónicos.



Foto 3: Vista geral do mausoléu, com a Estrutura 13 e a Sepultura 1 no interior.

Curiosamente, no interior do edifício, surgiu uma estrutura muito destruída (E.13), orientada de su-sudeste para nor-noroeste, prolongando-se ao longo de 12 m. Não excedendo os 49 cm de largura, nela predominam pedras de granito e algum xisto, conservando-se pouco mais que o alicerce. A destruição ou desmonte de E.13 teria derivado da construção do edifício de silhares. O revolvimento da área não permitiu relacionar o muro, de forma segura, com quaisquer materiais arqueológicos, no entanto, estratigraficamente, parece ser uma das primeiras construções da área, destruída *a posteriori* pelo edifício.

A nordeste e paralela à estrutura E.13, já no interior do edifício monumental, surgiu a Sepultura 1. Escavada no afloramento de xisto, foi limitada, lateralmente, por quatro silhares e por lajes de granito, nas extremidades. O comprimento interno da sepultura é 1,62 m,

orientando-se de nor-noroeste para su-sudeste. Se considerarmos a largura máxima (59 cm) correspondente à cabeceira, então estaria do lado su-sudeste. Apesar de encontrarmos alguns fragmentos de *lateres* no interior da sepultura, não é seguro que fizessem parte da cobertura. O fundo seria o próprio afloramento de xisto aplanado. Esta sepultura encontrava-se violada, as unidades estratigráficas revolvidas e o espólio muito fragmentado. De entre os materiais recolhidos²¹ foi possível registar alguns indicadores cronológicos que apontam para um período amplo entre o final do século I d. C. e o século II ou mesmo III, não esquecendo que a sepultura foi violada. Com algumas reservas, tanto poderia tratar-se de uma inumação, se considerarmos a tipologia da sepultura, como de uma incineração se repararmos nas evidências de alguns fragmentos de ossos, que indiciam combustão (Anexo VI).



Fotos 4 e 5: Pormenor da Sepultura 1, no interior do mausoléu, e da Sepultura 2, no exterior.

No exterior do edifício, também a nordeste e paralela à estrutura E.13, surgiu a Sepultura 2. Foi escavada no afloramento de xisto e delimitada por um murete de *lateres*. A violação da sepultura apagou os vestígios da cobertura. Das paredes, conservam-se no máximo três fiadas de *lateres*. O comprimento interno é de 1,48 m, a largura do lado su-sueste 64 cm e do lado oposto apenas 61 cm. A orientação é idêntica ao primeiro enterramento, de nor-noroeste para su-sueste. Segundo Cidália Duarte²² é provável que o ritual de incineração

tenha ocorrido dentro da própria sepultura, a considerar pelos indícios de fogo nos *lateres*, pelos elementos gordurosos da UE [124] e pela presença de muitas cinzas e carvões, nas UE's [123] e [124]. A presença de cinco pregos de ferro leva-nos a considerar que o corpo antes de cremado estivesse colocado numa padiola de madeira. Já a presença de dezassete pregos de ferro de pequeno calibre estaria relacionada com uma pequena caixa ou cofre, a que associamos o fragmento de lingueta de bronze, pertencente a uma fechadura, recolhida

no mesmo contexto. De entre os vestígios materiais recolhidos merece destaque um camafeu²³ em forma de rosto de criança, de pasta vítrea, e alguns fragmentos de vidro²⁴. O ambiente cronológico dos materiais enquadra-se numa cronologia flávia a meados do século II d. C.

Analisando os dados de que dispomos, parece-nos que a estrutura E.13 teria funcionado como um limite do espaço funerário nordeste, tratando-se do elemento estruturante de ambas as sepulturas. A estrutura em causa teria sido edificada antes da implantação das sepulturas, portanto, até finais do séc. I d. C. ou inícios do séc. II.

A construção do edifício de grande aparelho respeita a orientação da estrutura E.13 (nor-noroeste-sudeste), em vez do alinhamento da própria muralha da cidade (noroeste-sudeste). Ao destruir, parcialmente, a estrutura E.13, a nova edificação ter-se-ia implantado na área de necrópole nordeste, desviando-se ligeiramente para sudoeste, talvez por uma questão de espaço disponível, em relação a outros enterramentos ou monumentos funerários.

A monumentalidade do alicerce, constituído exclusivamente por silhares, tanto encaixa nos modelos de edificação de templos²⁵, como de alguns mausoléus²⁶. O aparecimento de um fragmento de fuste de coluna e uma cornija²⁷, ambos de granito, sob estrada municipal e nas proximidades, e podem associar-se a um edifício monumental.

Alguns investigadores colocaram a hipótese de se tratar de um templo, fazendo corresponder a parte dos silhares a uma eventual *cella* e o prolongamento do edifício para su-sueste, através de E.11 e E.12, um *pronaus*. Esta hipótese afigura-se remota e poderia justificar-se pela inexistência de espaço livre na área urbana ou por crenças que remetiam certas divindades e a localização dos respectivos templos para fora da cidade²⁸.

Todavia, o eventual prolongamento do edifício para su-sueste e a sua implantação numa área de necrópole são concordantes com a construção de um mausoléu. A monumentalização de espaços funerários encontra-se documentada em vários pontos da Hispânia romana, quer em ambiente urbano, quer rural²⁹. Também em *Ammaia*, a existência de monumentos funerários pode comprovar-se epigraficamente, através de uma placa funerária de mármore, dedicada a *Fusca Dobiteri*³⁰, e do *pulvinum*³¹, embora não se conheça o contexto arqueológico dos achados. É consensual que este tipo

de edificações fúnebres surgisse associado a famílias social ou economicamente influentes.

Tendo em conta os vários elementos observados, parece-nos que o edifício em questão seja um mausoléu, quem sabe se relacionado com a Sepultura 1, o que justificaria o seu enquadramento. O modelo de edifício apresenta algumas semelhanças com a construção funerária I de Milreu (Hauschild, 2002, p. 39) ou Quinta de Marim (Graen, 2007, p. 277). Neste caso, entre os negativos de estruturas E.11 e E.12 poderia existir uma pequena escadaria de acesso ao edifício. A forma quadrangular da estrutura de silhares lembra também outro modelo, o mausoléu-templo, em que a arquitectura se assemelha a um edifício religioso. Um pequeno exemplo deste tipo de monumentos funerários foi identificado na *villa* de Fabara, próximo de Saragoça (Cuéllar Lázaro, 1998, p. 76).

A maioria dos materiais recolhidos nas valas de alicerce remonta ao período Flávios – Trajano³², com excepção de um pequeno vidro baixo-imperial. Os vestígios recolhidos nas unidades estratigráficas do interior do edifício³³ revelam cronologias quer alto-imperiais, quer tardias. Convém realçar que as terras ali depositadas sofreram um acentuado revolvimento após a destruição e reutilização dos materiais³⁴. Parece-nos aceitável que a implantação do mausoléu tenha ocorrido entre meados do século II d. C. e o século III.

Ainda na área da Necrópole Nordeste, foi realizada uma escavação de emergência, em 2006. Num terreno a Nascente da Estrada Nacional n.º 359, a cerca de 100 metros a norte do entroncamento de acesso ao Porto da Espada, a abertura mecânica de uma vala, para implantação da rede de esgotos de Marvão, permitiu a identificação de duas sepulturas. Estas localizavam-se na propriedade de José Lourenço, cujo topónimo é Horta³⁵.

A abertura da vala cortou, parcialmente, ambas as sepulturas, permitindo a sua identificação em corte. A Sepultura 3 fora escavada no xisto, observando-se apenas uma depressão ou negativo no afloramento, com cerca de 60 centímetros de profundidade. A presença de um prego de ferro, no que poderia ser o fundo da sepultura, levantou ainda mais suspeitas. Verificámos que a extremidade nor-nordeste da sepultura se encontrava sob o muro de limite de propriedade, o que dificultou a intervenção.



Foto 6: Pormenor da escavação da Sepultura 3; plano intermédio da UE [3].

A unidade estratigráfica presente no interior da sepultura era a UE [3] - terras barrentas, compactas, com muitas pedras de xisto, de tom laranja-amarelada -, escavada em cinco planos artificiais, ao longo de aproximadamente 60 centímetros.

A partir do quarto plano foi possível reconhecer algum mobiliário funerário, nomeadamente uma púcara de cerâmica comum (depositada no topo norte, lado poente), uma pequena taça de vidro (muito fragmentada) e uma lucerna de cerâmica, depostas junto à primeira

peça. Recolhemos também um fragmento de escória ou de ferro muito corroído, bem como o único fragmento que aparentava ser osso, apesar de muito desintegrado.

O último plano permitiu atingir o fundo da sepultura (525,43 m). Curiosamente, sobre o afloramento de xisto ou do negativo da sepultura, observaram-se dois conjuntos de 4 pregos de ferro, alinhados no mesmo sentido da sepultura, pertencentes a um caixão de madeira³⁶.

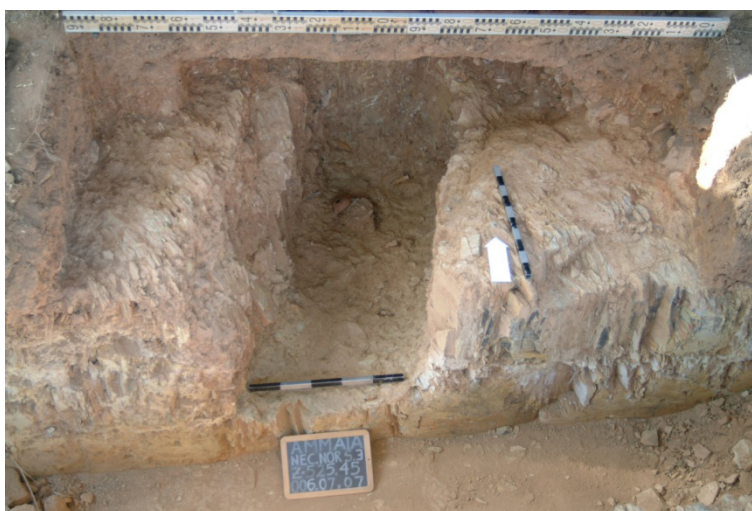


Foto 7: Pormenor da escavação da Sepultura 3; plano final da UE [3].

Verificando-se apenas um pequeno fragmento de osso, talvez justificável pela acidez do solo, a ausência de cinzas ou de urna cinerária leva-nos a afirmar que se tratava de uma inumação. A própria tipologia da sepultura e a presença de um caixão de madeira vão de encontro à nossa proposta. De acordo com a cronologia

dos materiais recolhidos em contexto não violado, o enterramento dataria de meados do século III ao final do século IV.

A sepultura escavada no afloramento teria cerca de 2 metros de comprimento, por 50 a 60 cm de largo e não mais de 60 cm de profundidade. Tendo em conta a

posição e o afastamento dos pregos, o caixão de madeira deveria aproximar-se de 1,90 metros de comprimento, não devendo ultrapassar os 45 centímetros de largo. A orientação precisa do enterramento é su-sudoeste - nor-nordeste (Anexo IV).

Ligeiramente a nordeste reconheciam-se vestígios de outra sepultura, que designámos por Sepultura 4. Encontrava-se cortada, parcialmente, e no revolvimento de algumas terras recuperámos muitos fragmentos

de tijoleiras e um fragmento de asa de lucerna. Esta sepultura apresenta uma tipologia diferente da anterior, ao ser também escavada no afloramento de xisto, foi depois “forrada” com tijoleiras de cerâmica, em forma de caixa.

A orientação da sepultura era nor-nordeste – su-sudoeste, encontrando-se parte da cabeceira sob um muro de propriedade a nor-nordeste.



Foto 8: Pormenor da escavação da Sepultura 4; plano intermédio da UE [4].

No interior da sepultura encontrava-se a unidade estratigráfica [4] - mais ou menos uniforme, caracterizando-se por ser compacta, barrenta, com pedras uma tonalidade laranja, com pedras de xisto e alguns calhaus rolados de pequeno calibre. Nos vários planos que efectuámos foi evidente a presença de fragmentos de tijoleiras, dispostos na horizontal, mas desordenados, podendo corresponder à cobertura do enterramento e denunciando uma violação parcial.

Ao aprofundar-se a mesma unidade estratigráfica, verificaram-se os primeiros vestígios de espólio funerário, constituído por uma púcara, um potinho de cerâmica comum, uma taça de *terra sigillata*, uma garrafa e uma taça de vidro, ambos muito fragmentados. Colocadas no topo nor-nordeste, as peças encontravam-se na mesma extremidade que o espólio da Sepultura 3, ou seja na parte mais larga correspondente à cabeceira. Ao conjunto deveria juntar-se a lucerna, cuja asa recolhemos

nas terras retiradas pela máquina escavadora, embora, talvez numa posição isolada dentro da sepultura, a sudoeste.

Verificámos que a taça de terra sigillata ocupava uma posição central, depositando-se as restantes peças junto das tijoleiras. A púcara e a taça de vidro encontravam-se no lado poente, enquanto a garrafa de vidro e o potinho ocupavam o lado oposto. A presença de cerâmica de construção no interior da sepultura, deveria proceder da cobertura, relacionando-se com uma violação parcial.

A escavação do final da unidade estratigráfica 4 permitiu atingir o fundo da sepultura, aos 525,40 metros, revestido por tijoleiras e pequenos fragmentos. Não se verificando qualquer vestígio de cinza, apenas observámos dois pequenos indícios osteológicos, muito desintegrados, tratando-se, com alguma segurança, de uma inumação.



Foto 9: Pormenor da escavação da Sepultura 4; após a remoção da UE [4].

Este enterramento detinha de comprimento máximo 1,66 metros, tendo de largura na cabeceira 44 centímetros, a meio 40 cm e nos pés 36 cm. A altura não deveria ultrapassar os 35 centímetros. A cova no afloramento era ligeiramente mais larga. A cronologia do

enterramento parece semelhante à da Sepultura 1, de meados do século III ao final do século IV.

Apesar de na restante área da vala da rede de esgotos, aberta em 2006, não se registarem outras sepulturas, é bem provável que elas existam na envolvente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como referimos no início, a informação existente sobre os espaços e práticas funerárias em *Ammaia* é ainda reduzida, mas fidedigna. A área escavada nas necrópoles é insignificante e os terrenos encontram-se, maioritariamente, na posse de particulares.

Reconhecemos que os limites que propomos para as áreas funerárias sejam discutíveis e alvo de posteriores correcções. Pela informação disponível em 2007, as necrópoles localizavam-se em torno da cidade, excepto do lado sudoeste, talvez devido à topografia do terreno.

Tendo em conta que a informação das primeiras escavações é reduzida, para já, é possível reconhecer a existência de seis tipos de sepulturas: 1 – Covas simples ou em fossa; 2 – Forma rectangular, construída com fiadas de tijolos sobrepostos; 3 – Forma rectangular, construída com fiadas de tijolos sobrepostos e com

uma espécie de prateleiras ou nichos colocados em volta das paredes; 4 – Forma rectangular, escavada no afloramento de xisto, com caixão de madeira; 5 – Forma rectangular, escavada no afloramento de xisto, forrada com tijoleiras, no fundo, lateralmente e na cobertura; 6 – Forma rectangular, delimitada com silhares e lajes de granito.

A existência de monumentos funerários está igualmente comprovada epigraficamente, pela presença de um *pulvinum* e do alicerce de um provável mausoléu, estes reconhecidos na área da Necrópole Nordeste.

A larga maioria das peças recolhidas nas áreas funerárias encontra-se depositada em colecções público-privadas, no entanto, desconhecemos a sua proveniência arqueológica ou contextual. Mesmo assim, dado o estado de conservação dos materiais, não temos

dúvidas de que provenham de sepulturas, cuja amplitude cronológica varia entre o século I d. C. e o IV.

Sobre a Necrópole Noroeste existe informação escrita acerca da existência de rituais de incineração, enquanto na Necrópole Nordeste confirmámos a existência de uma incineração *in loco* – Sepultura 2 – e de duas inumações – Sepulturas 3 e 4. Em qualquer dos casos a deposição de mobiliário funerário, de acordo com as práticas funerárias romanas, foi também observado. Registamos apenas a diferença quantitativa e qualitativa de peças nas Sepulturas 3 e 4, que aparentam contemporaneidade. A primeira regista menos peças e o corpo foi colocado num caixão de madeira, já a Sepultura 4 apresentava-se forrada com tijoleiras e detinha um considerável depósito funerário. Esta diferença tipológica das sepulturas e do mobiliário deposto poderá relacionar-se com uma diferença social entre indivíduos, sendo uma questão em aberto.

A epígrafe funerária dedicada a *Optatus Famulus*, datada de 513, comprova a cristianização da população e a adopção de novas práticas funerárias, pelo menos, a partir do século V – inícios do VI.

A informação oral de um popular, que participou em trabalhos agrícolas na Quinta do Deão, referiu existirem vestígios de sepulturas entre a Porta Sul e as Termas. A hipótese de numa fase tardia ou de abandono da cidade, a área urbana ter sido utilizada como necrópole, encontra paralelos um pouco por todo o império.

Para terminar, gostaríamos de realçar a necessidade de proteger ou estudar de uma forma intensiva os espaços funerários de *Ammaia*. Mesmo com acompanhamento, a realização de obras de construção civil, de trabalhos agrícolas mecanizados ou a plantação de árvores constitui sem dúvida uma ameaça na envolvimento de *Ammaia*, até porque as áreas onde se localizam as necrópoles se encontram em propriedades privadas.

ALGUNS DADOS ANTROPOLÓGICOS - LINDA MELO (ANTROPÓLOGA)

Em primeiro lugar, importa frisar que o material osteológico, proveniente das sepulturas 1 e 2 da área do Estacionamento 1, foi recolhido em contexto de escavação, cabendo-nos apenas a sua análise metódica, no sentido de fornecer o máximo de dados possível.

Dos trabalhos arqueológicos foram recuperados alguns fragmentos de ossos, podendo a sua análise contribuir para o conhecimento das áreas funerárias de *Ammaia*. Os trabalhos arqueológicos realizados, entre 2004 e 2006 na área do estacionamento 1, permitiram a identificação de dois depósitos cinerários com restos ósseos. O estado de fragmentação é elevado, não permitindo colagens dos fragmentos.

Foi possível identificar ossos humanos, ou pelo menos, com características morfológicas semelhantes. Curiosamente, também registámos ossos pertencentes a fauna, a avaliar pelas incompatibilidades anatómicas e morfológicas em relação aos ossos humanos. Houve ainda alguns que não foi possível uma proximidade com a realidade, optando-se por classificar os fragmentos como indeterminados.

À semelhança dos trabalhos arqueológicos realizados

em Alpendres de Lagares 3 (Pias, Serpa, Beja) e na Vila Romana da Mesquita do Morgado (São Mamede, Évora) também os restos ósseos de *Ammaia* revelam sinais de acção do fogo. Existem factores interdependentes que influenciam a cremação, como o tempo de exposição e a temperatura atingida (Walker *et alii*, 2008). Porém, ao contrário do que se tem defendido, para além destes dois factores, também o oxigénio e a matéria orgânica do próprio cadáver detêm influência (Walker *et alii*, 2008).

Depois de limpos, os ossos foram cuidadosamente analisados. Foi interessante verificar que apresentavam, maioritariamente tonalidades na gama do cinzento, desde o cinza antracite ao cinza esbranquiçado. De acordo com as escalas RGB de Walker *et alii* (2008), não temos dúvidas de que houve uma cremação em espaço aberto com temperaturas entre os 600/700°C.

Outro pormenor interessante foi observar fracturas ósseas transversais encurvadas em alguns ossos longos e com fendas longitudinais irregulares, e em “teia de aranha” nos ossos cranianos, sugerindo que a cremação teve início quando o cadáver ainda detinha tecidos moles (Ferreira *et alii*, 2008: Anexo 5, 5).

ALGUNS DADOS MATERIAIS

SEPULTURA 3 – DEPÓSITO FUNERÁRIO

AA.06/S1.1 - Púcara, cerâmica comum [UE 3]. 525,58 m. Pasta laranja clara, depurada; sem decoração; asa lisa; peça completa, mas fragmentada. Dimensões: bordo frag.; Ø máx.: 137 mm; Ø fundo: 58 mm; alt.: 12 mm; larg. asa: 21 mm; esp. mín.-máx.: 3-5 mm; séc. III-IV.

AA.06/S1.2 - Taça em vidro [UE 3]. 525,48 m. Muito fragmentada e não mensurável.

AA.06/S1.3 - Lucerna, cerâmica comum [UE 3]. 525,49 m. Pasta pouco depurada, laranja nas superfícies e negra no interior. Disco liso, moldura decorada com pérolas, de 3 ou 4 filas. Dimensões: comp.: 104 mm; larg.: 69 mm, alt. reservatório 29 mm. Paralelos: Almeida, 1953, 137, nº 231, séc. IV-V; FC, 1976, p.102, nº 66, séc. IV; Martin, 2002, p.36, C-1, séc. III-IV.

AA.06/S1.4 - Fragmento de ferro ou escória [UE 3]. 525,55 m. Sem forma. Ø 12 mm.

AA.06/S1.5 - Prego em ferro [UE 3]. 525,45 m. Sem cabeça devido a fractura, de secção quadrangular, irregular, ponta afiada. Dimensões: comp.: 53 mm; esp.: 3-9 mm.

AA.06/S1.6 - Prego em ferro [UE 3]. 525,43 m. Cabeça fragmentada, talvez rectangular em forma de T. Secção quadrangular, irregular, ponta fracturada, afiada e dobrada por acção de percussão. Com concreções. Dimensões: comp.: 75 mm; esp.: 5-12 mm.

AA.06/S1.7 - Prego em ferro [UE 3]. 525,45 m. Cabeça quadrangular, dobrada para o lado, descentrada. Secção quadrangular, irregular. Fracturado, afiado e ponta dobrada. Corroído e com concreções. Dimensões: comp.: 100 mm; esp.: 6-16 mm.

AA.06/S1.8 - Prego em ferro [UE 3]. 525,47 m. Cabeça quadrangular, dobrada para o lado, descentrada.

Secção quadrangular e irregular. Fracturado, afiado e dobrado na ponta. Corroído. Dimensões: comp.: 94 mm; esp.: 6-11 mm.

AA.06/S1.9 - Prego em ferro [UE 3]. 525,50 m. Cabeça ovalada. Secção quadrangular, irregular. Afiado na ponta. Corroído. Dimensões: comp.: 77 mm; esp.: 8-14 mm.

AA.06/S1.10 - Prego em ferro [UE 3]. 525,41 m. Cabeça quadrangular, dobrada para o lado, descentrada. Secção quadrangular, irregular. Fracturado na cabeça e ao meio. Ponta não afiada. Corroído e com concreções. Dimensões: comp.: 84 mm; esp.: 5-7 mm.

AA.06/S1.11 - Prego em ferro [UE 3]. 525,60 m. Cabeça quadrangular, dobrada para o lado, descentrada. Secção quadrangular, irregular. Fracturado e afiado na ponta. Corroído e com concreções. Dimensões: comp.: 82 mm; esp.: 8-12 mm.

AA.06/S1.12 - Prego em ferro [UE 3]. 525,57 m. Cabeça quadrangular, dobrada para o lado, descentrada. Secção quadrangular, irregular. Afiado na ponta. Corroído e com concreções. Dimensões: comp.: 75 mm; esp.: mín. 4 mm, máx. 9 mm.

AA.06/S1.13 - Prego em ferro [UE 3]. 525,46 m. Cabeça quadrangular, dobrada para o lado, descentrada. Secção quadrangular, irregular. Fracturado, dobrado e afiado na ponta. Corroído e com concreções. Dimensões: comp.: 94 mm; esp.: mín. 6 mm, máx. 12 mm.

AA.06/S1.14 - Fragmento de escória ou ferro [UE 3]. 525,45 m. Sem forma. Com concreções. Dimensões: comp.: 63 mm; larg.: 53 mm; esp.: 16 mm.

AA.06/S1.15 - Fragmento de osso [UE 3]. 525,50 m. Desintegrado. Dimensões: comp.: 22 mm; larg.: 16 mm; esp.: 9 mm.

SEPULTURA 4 – DEPÓSITO FUNERÁRIO

AA.06/S2.1 - Jarro de vidro [UE 3]. 525,47 m. Vidro transparente. Corpo cilíndrico, fundo ligeiramente côncavo, gargalo cilíndrico e boca circular. Asa suavemente nervurada. Esta peça, apesar de muito fragmentada poderia aproximar-se do jarro identificado na Herdade da Comenda (Alarcão, 1973, p. 3-5, nº 2), de finais do séc. III- séc. IV (forma Isings 126). Dimensões: alt. aprox.: 280 mm; alt. pança aprox.: 190 mm; larg.:

máx. 93 mm; Ø fundo circular: 66 mm; esp.: 1,5-2 mm.

AA.06/S2.2 - Taça de vidro [UE 3]. 525,46 m. Muito fragmentada. Dimensões: Ø bordo aprox.: 156 mm; alt.: ?; esp.: 1-2 mm.

AA.06/S2.3 - Taça de *terra sigillata Clara C* [UE 4]. 525,48 m. Pasta laranja, verniz laranja, sem brilho, pouco espesso e mal conservado. Completa. Terra sigillata Clara C, forma Hayes 50. Paralelos em Courela

dos Chãos (Coelho Soares , 1987, n.º 4) e Represas (Lopes, 1994, n.º 4756), de meados do séc. III ao final do séc. IV. Dimensões: Ø bordo 150 mm; Ø fundo: 56 mm; esp.: 3-10 mm; alt.: 61 mm.

AA.06/S2.4 - Púcara, cerâmica comum [UE 4]. 525,55 m. Pasta laranja, depurada, escurecida pontualmente por efeito oxidante. Decoração de estrias brunidas no ombro, por acção de seixo. Asa com dois sulcos. Completa. Dimensões: alt.: 122 mm; Ø bordo: 11,2 cm; Ø máx.: 132 mm; Ø fundo: 72 mm; esp.: 3-7 mm; larg. asa: 18 mm.

AA.06/S2.5 - Potinho, cerâmica comum [UE 4]. 525,51 m. Pasta castanha-amarelada, com muito

desengordurante (quartzo e mica), pouco depurada. Superfície externa cinza escura. Completo. Dimensões: Ø bordo 66mm; Ø fundo: 50 mm; esp. mín.: 3 mm, máx.: 6 mm; alt.: 89 mm.

AA.06/S2.6 - Lucerna, cerâmica comum [UE 3]. 525,44 m. 4 Fragmentos de recipiente de lucerna. Pasta laranja, com interior negro, não depurada. Nas terras retiradas pela máquina foi recolhida a asa da lucerna. Moldura decorada com pérolas, de 3 ou 4 filas. Asa não perfurada na totalidade. Dimensões da asa: comp.: 36 mm; esp.: 8 mm. Paralelos: tipologia semelhante à lucerna recolhida na sepultura 3, produção regional, II metade séc. III - final séc. IV.

AGRADECIMENTOS:

Fundação Cidade de *Ammaia*; Doutor Vasco Gil Mantas; João Aires (Técnico de Arqueologia F.C.A.)
João Aires – Desenho de campo e tratamento gráfico.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (1971) - Vidros romanos de Aramenha e Mértola. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3ª Série, 5, pp. 191-206.
- COELHO, Possidónio M. Laranjo (1924/2001) - *Terras de Odiana - Subsídios para a sua história documentada*. Edição Fac-símile da edição de 1924. Introdução de António Ventura. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 11.
- CUÉLLAR LÁZARO, Juan (1998) - *Arquitectura romana en España*. Madrid: Edimat.
- HAUSCHILD, Theodor; TEICHNER, Felix (2002) - *Milreu: ruínas*. Lisboa: IPPAR.
- HUBNER, E. (1869) - *Corpus Inscriptionum Latinarum* (CIL). Berlim. Vol. II.
- IRCP
- ENCARNAÇÃO, José d' (1984) - *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras. pp. 667-694; 747-748; 751-752; 843.
- MAIOR, Diogo Pereira de Sotto (1616) - *Tratado da cidade de Portalegre - Introdução leitura e notas de Leonel Cardoso Martins*. Maia: INCM – Câmara Municipal de Portalegre (1984, reed.).
- MANTAS, Vasco Gil (2000) - A sociedade luso-romana do município de Ammaia. In *Sociedade y Cultura en Lusitania Romana – «IV Mesa Redonda Internacional»*. Mérida: Série Estudios Portugueses. 13, pp. 391-420.
- Idem* (2002) - Libertos e escravos na cidade luso-romana de Ammaia. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 12, pp. 49-68.
- Idem* (2003) - Novidades epigráficas de Ammaia (S. Salvador de Aramenha, Marvão). In *Au Jardin des Hespérides. Histoire, Société et épigraphie des mondes anciens. Mélanges offerts à Alain Tranoy*. Paris. pp. 87-105.
- NEVES, J. Conceição (1972) - Uma colecção particular de materiais romanos de Aramenha. *Conimbriga*. Coimbra. 11, pp. 5-34.
- OLIVEIRA, Jorge de; CUNHA, Susana S. (1994) - A cidade romana de Ammaia na correspondência entre António Maçãs e Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4ª série, 11-12 (1993-94), pp. 103-134.
- [s/ Au.] (1913) - Antiguidades de Aramenha. *O Século*. Lisboa. Ano 33, n.º 11337, 12 de Agosto.

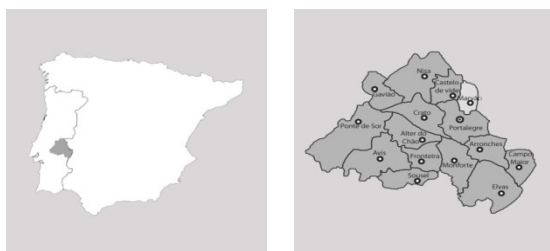
NOTAS

- 1 - A área da cidade é abrigada, encontrando-se protegida por uma série de elevações, destacando-se a sul a serra de S. Mamede (1027 m) e o planalto dos Alvarrões (630-700 m), a nascente a serra Fria (889-972 m), a nordeste a serra Selada (828 m) e o Cabeço do Leão (714 m), a norte a crista de Marvão (835 m), a noroeste e a poente a extensa crista quartzítica do Lobo (833 m) e Malhadais (668 m).
- 2 - O vale da Aramenha, que se prolonga do Porto da Espada ao Prado da Escusa, não resultou da simples erosão do rio Sever, mas de uma dobra da crosta terrestre, em que o mesmo é a parte mais baixa. As pressões exercidas de ambos os lados terão convergido para o centro, dando origem a fenómenos de metamorfismo.
- 3 - Na envolvente da cidade existem duas importantes nascentes superficiais: os Olhos de Água e o Olheirão.
- 4 - Parte dos materiais exumados nas escavações arqueológicas, realizadas na segunda década do século XX, foram posteriormente divididos em duas colecções, uma pertencente ao Museu Nacional de Arqueologia (MNA) e outra na posse da Dr.ª Delmira Maçãs, entretanto falecida. A colecção de materiais do MNA foi parcialmente publicada em artigos dedicados a determinados materiais específicos (vidros: Alarcão, 1968, pp. 234-345; terra sigillata: Ereresres, p. 345). Já a colecção particular foi publicada, quase na íntegra, por Neves, 1972, pp. 223-233.
- 5 - S. Maior (1616: cap. I): OPTATVS FAMVLVS / DEI VIXIT ANNOS / CIL. REQUIEVIT / IN PACE D. VIII / ID. AVGVSTAS / ERA DLI. A epígrafe data de 513 d. C.
- 6 - António Maçãs era um latifundiário de Portalegre, que possuía inúmeras propriedades na região, uma das quais a cerca de 100 metros das ruínas, a Quinta dos Olhos de Água. A recolha de algumas peças de cerâmica romanas e a curiosidade levou-o até ao Museu Etnológico de Lisboa. Conheceu pessoalmente Leite de Vasconcelos, em 1913, resultando daí uma grande amizade e a recolha de inúmeras peças arqueológicas oriundas da cidade.
- 7 - Segundo Jorge de Alarcão (1971, pp. 191-206) a colecção de vidros do MNA, originárias da Ammaia é composta pelas seguintes formas: 5 pratos (Isings 42 - 75-200); 1 jarro (Isings 88 b - Meados do séc. II); 1 jarro (tipo Isings 55 - 2ª met. Séc. I-inícios do séc. II); 1 garrafa (Isings 50 - 75-150); 1 frasco (forma inédita); 1 unguentário (Isings 82 B2 - Final séc. I-inícios séc. II); 1 prato, 1 copo e 3 unguentários (s/ indicação de forma - 2ª met. séc. I-inícios

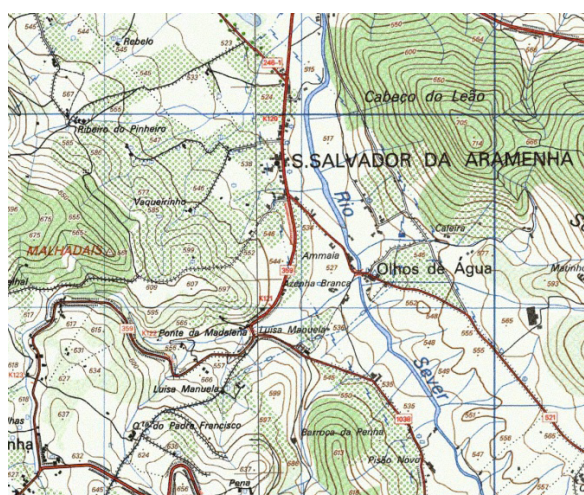
- do séc. II).
- 8 - Joseja Neves (1972, pp. 4-11), da colecção de António Maças, apresenta as seguintes formas de *terra sigillata*: 4 Dragendorff 15-17 (2.^a met. séc. I – II); Dragendorff 18 (Flávios); Dragendorff 18 (2.^a met. séc. I – II); Dragendorff 24-25 (2.^a met. séc. I d. C.); 11 Dragendorff 27 (1.^a met. séc. II); 2 Dragendorff 35-36 (fins séc. I - séc. II); Dragendorff 30 (2.^a met. séc. I – 1.^a met. séc. II); e Hispânica 1 (Flaviano).
 - 9 - Josefa Neves (1972, pp. 12-21) da colecção de António Maças publica as seguintes peças de cerâmica comum: 3 pratos (2.^a met. séc. I d. C.); 10 pratos (período romano); malga (2.^a met. séc. I d. C.); malga (período romano); pote (2.^a met. séc. I d. C.); pote (séc. I d. C.); 6 potes (período romano); 4 cântaros (2.^a met. séc. I d. C.); jarro (séc. I-III); 12 jarros (período romano); e 2 panelas (período romano).
 - 10 - Josefa Neves (1972, pp. 22-27) refere na colecção de António Maças a presença das seguintes peças de vidro: 2 pratos, tipo Isings 49 (séc. I d. C.); 4 taças, tipo Isings 41a (2.^a met. séc. I d. C.); taça, tipo Isings 42^a (2.^a met. séc. I – séc. II); copo (meados séc. II); unguentário (Augusto – Tibério); unguentário (2.^a met. séc. I d. C.); 4 garrafas, tipo Isings 50 (Flávios – séc. II); e garrafa, tipo Isings 51a (meados do séc. I).
 - 11 - Jorge de Oliveira & Susana Cunha (1994, pp. 118-120): Em algumas cartas enviadas por António Maças a Leite de Vasconcelos há referência a uma necrópole: p. 118: “O que lhe mandei é tudo da Aramenha, sendo os vidros e barros do mesmo cemitério dos que ahi tem e do tempo das candeias sem asa; p. 119: Ultimamente apareceu mais uma sepultura onde estavam dois pregos grandes de ferro e uma bilha, objectos que já estão em meu poder; p. 120: Muito desejaria saber quando parte para Lisboa para se entender com o novo dono do cemitério romano da Aramenha”.
 - 12 - No campo da epigrafia funerária importa também lembrar os trabalhos de Eugénio Jalhay (1947); Scarlat Lambrino (1967).
 - 13 - As mais de trinta epígrafes *ammaienses* foram sendo registadas desde o século XVI. A partir do século XX foram encaminhadas para o Museu Nacional de Arqueologia e o Museu Municipal de Marvão. Os trabalhos científicos iniciados em 1995 pela Fundação Cidade de *Ammaia* permitiram também a recolha de algumas peças.
 - 14 - O informador, residente em S. Salvador da Aramenha, solicitou que fosse mantido o seu anonimato.
 - 15 - Esta conduta parte da Quinta dos Olhos de Água, segue pela Quinta Branca, sobe em direcção aos Alvarrões, seguindo depois para Portalegre.
 - 16 - A cupa apresenta uma forma semicilíndrica (104 x 52 x 40 cm), foi talhada em granito de grão grosso, detendo uma moldura em baixo relevo (30 x 24 cm), onde poderia encaixar uma epígrafe (Oliveira, 2007, pp. 239).
 - 17 - O *pulvinum* foi achado e recolhido por Joaquim Carvalho e no ano 2007 ainda fazia parte da exposição temporária do museu de sítio da Fundação Cidade de *Ammaia*.
 - 18 - Sérgio Pereira (2009, pp. 102-103): Os materiais mais antigos recolhidos nas unidades estratigráficas inferiores da cloaca-fosso remontam aos inícios do Império, porém, o grosso dos materiais exumados é característico do período Flávios – Trajano, destacando-se uma enorme quantidade de *terrae sigillatae* hispânicas, alguns fragmentos de lucernas, cerâmicas de paredes finas e vidros. Assim, a abertura da vala parece ter ocorrido quase em simultâneo com a construção da muralha, entre o reinado de Cláudio e os inícios do período Flávio.
 - 19 - As estruturas funerárias foram identificadas nas quadrículas B10, B11, B12, C10, C11 e C12.
 - 20 - GRAEN, Dennis (2007) – O sítio da Quinta de Marim (Olhão) na época tardo-romana e o problema da localização da *Statio Sacra*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 10, Número 1, p. 275-288: Os mausoléus identificados na Quinta de Marim, de forma quadrangular e com abside, apresentam 6 e 8 metros de lado. O Mausoléu de maiores dimensões apresenta paredes com cerca de 1 metro de largo, garantido robustez e monumentalidade ao edifício.
 - 21 - O espólio encontrava-se muito fragmentado, sendo quase impossível reconhecer formas ou obter qualquer cronologia exacta: 1 pequeno frag. *tsh* (II metade séc. I – II d. C.); sete frags. de cerâmica comum disformes; frags. vidro azul gelo (II metade séc. I – II d.C.); frag. vidro verde azeitona (séc. III – IV d. C.); três fragmentos osteológicos entre os quais um de fauna e dois indeterminados, com aparentes vestígios de cremação (Anexo VI).
 - 22 - Agradecemos a deslocação da Dr.^a Cidália Duarte ao local, bem como a sua opinião acerca dos vestígios osteológicos.
 - 23 - Segundo informação gentilmente cedida pela Prof.^a Graça Cravinho, o camafeu de pasta vítrea branca “representa um rosto de criança, provavelmente o rosto idealizado de Eros, frequente em Glíptica, desde a época helenística ao séc. III d. C. (Anexo V, 3). A cronologia, apesar de ser mais difícil de definir em camafeus de pasta vítrea, que são resultado de moldagem, poderá corresponder ao período flávio, encontrando-se paralelos em: Henig (1978, Ap. 205); Henig (1990, n.ºs 112 e 113); Krug (1980, n.ºs 203-204); Spier (1992, n.º 434)”.
 - 24 - O espólio da Sepultura 2 era constituído por: 85 fragmentos de ossos, aparentemente humanos e alguns de fauna, pequeno calibre, alguns talvez pertencentes a uma criança (16 fragmentos de ossos, com vestígios evidentes de combustão; Anexo V, 5); 12 fragmentos de cerâmica comum [frag. bilha, pasta beije-amarelada, forma talvez aproximada a Nolen (1985, n.º178, Flávios – I metade séc. II d.C.); fundo, pasta beije-amarelada (II metade séc. I – III d. C.); asa de jarro ou bilha, pasta laranja pouco depurada]; 22 fragmentos de vidro [3 frags. incolores; frag. incolor com sulco paralelo ao bordo (Flávios – inícios séc. III d. C.); 3 frags. incolores de garrafa ou boião, secção quadrada (séc. I – II d. C.)]; camafeu de pasta vítrea branca (Flávios); 5 pregos de ferro; 17 pregos de ferro de pequenas dimensões, um dos quais embutido em fragmento de dobradiça; lingueta de fechadura de bronze de pequeno cofre ou caixa (aproximado ao exemplar recolhido em *Conimbriga* (FC, Vol. VII, p. 167-168, n.º 121; II metade séc. I d.C.); anilha

- de chumbo, com camarão de ferro (Anexo V, 4).
- 25 - As bases dos templos dos *fora* de Évora, Idanha, Almofala, Mérida, e mesmo o da *Ammaia* foram construídas com recurso a silhares de granito, cuidadosamente justapostos.
- 26 - Alguns mausoléus ou monumentos funerários detêm uma base de assentamento de silhares: os mausoléus na Quinta da Fórnea II em Belmonte (informação gentilmente cedida por Filipe Santos), o mausoléu sob a Basílica de Santa Eulália (Mérida), o monumento funerário em forma de pirâmide reconstruído no interior MNAR (Mérida) ou a Torre dos Escipiones (Tarragona).
- 27 - Aquando da abertura mecânica da vala para implantação da rede de saneamento, ao longo da estrada municipal, foram recolhidos dois elementos arquitectónicos, junto à rampa de acesso ao museu e ao lado da quadricula A12. Um fragmento de fuste de coluna e uma cornija de granito encontravam-se ao nível do fundo da vala dos esgotos, a mais de 1 m de profundidade em relação ao nível da estrada. Dada a posição e proximidade das peças é possível que se relacionem com o mausoléu.
- 28 - A este propósito Vitruvius no Livro I, Cap. VII ao referir-se aos lugares apropriados para o uso comum da cidade indica algumas divindades cujos locais de culto se deveriam localizar fora da malha urbana: Apolo e Baco, ao lado do teatro; Hércules nas proximidades de anfiteatros ou circos; Marte junto ao campo de exercícios; Ceres, Vénus e Vulcano fora das muralhas.
- 29 - Dos monumentos funerários identificados em contexto urbano indicamos alguns exemplos: em Mérida [(mausoléu sob a Basílica de Santa Eulália; mausoléu na Necrópole Oriental, Bodegonas (Barrera Antón, 1989-1990); “Tumba de Vocónius e Tumba de los Julios (Bendala Galán, 1972)]; Tumba de Servília em Carmona (Sevilha); Torre Cega (Cartagena); mausoléu da Torre dos Escipiones [Tarragona; Cuéllar Lázaro, 1998, pp. 69-81)]; informação de monumentos funerários em *Mirobriga*. Em algumas *villae* também se conhecem exemplos notáveis de monumentalização funerária: mausoléu na villa das Mouriscas (Évora); dois mausoléus em Milreu (Estói); mausoléu em Cerro de Villa (Vilamoura); provável mausoléu em S. Miguel de Odrinhas; mausoléus da Quinta da Fórnea II (Belmonte); mausoléus da Quinta de Marim (Olhão); mausoléu-templo em Fabara (Saragoça); mausoléu de Sádaba (Saragoça).
- 30 - José d’Encarnação, *IRCP*, n.º 627, depositada no MNA, n.º E 6954: FVSCAE DOBITERI F(*iliae*) / ANN(*orum*) XXV (*quinque et viginti*) / ARANTA VIRANI [FILIA?] / SIBI × ET × FILIAE × F(*aciendum*) × C(*uravit*).
- 31 - No Núcleo Museológico de *Ammaia* está exposto um *pulvinum* que se encontrava reutilizado num passadiço de acesso à Quinta do Deão, em frente da casa de João Cebolas.
- 32 - Sob um silhar recolhemos um fragmento de potinho, com decoração impressa (Cláudio I – I quartel do séc. II d. C.; Anexo V, 1). Nas valas de alicerce recolhemos um fragmento de lucerna (séc. I – início II d. C.), um fragmento de *terra sigillata hispanica* Dragendorff 15-17 (II metade séc. I – II d. C.), dois fragmentos de Dragendorff 27 (finais do século I – meados séc. II d. C.) e um fragmento de vidro (séc. III – IV d. C.). Na parte violada das valas de alicerce (E.9 e E.10) foram recolhidos um fragmento de bracelete em pasta vítrea (séc. III – V d. C.) e um fragmento de *tsc* D, forma Hayes 58A (325 – 375 d. C.).
- 33 - As unidades estratigráficas observadas no interior da estrutura de silhares, por ordem descendente, foram: UE78 e UE34 [frag. *tsh* Dragendorff 15-17, frag. *tsh* Dragendorff 24-25 (Flávios – Trajano), frag. *tsh* Dragendorff 36 (Flávios), frag. *tsh* Dragendorff 37 (Flávios), frag. *tsc* C (séc. III – IV d. C.), frag. *tsc* D (séc. IV – V), frag. vidro (séc. IV), sestércio de Máximo (235-238: Anexo V, 2)]; UE37 [2 frags. braceletes, em pasta vítrea (séc. III – IV d. C.), frag. paredes finas (séc. I – II d. C.), frag. *tsh* Dragendorff 15-17, frag. *tsh* Dragendorff 37 (Flávios – Trajano), frag. *tsc* C (séc. III – IV d. C.), frag. vidro (séc. IV)]. UE39 [frag. *tsh* Dragendorff 15-17, com grafito: (...) ODES (II met. séc. I – II d. C.); frags. de vidro (séc. III – IV d. C.)].
- 34 - Os materiais procedentes de contextos violados revelam cronologias tardias: 1 fragmento de vidro (séc. III – IV d. C.); 1 fragmento de bracelete em pasta vítrea negra (séc. III – IV d. C.), 1 fragmento TSA, Clara D, forma Hayes 58A (325 – 375 d. C.).
- 35 - As coordenadas da intervenção, obtidas por GPS, são: UTM: X- 638787; Y- 4359817.
- 36 - Fernandes (1985, p. 105): “O aparecimento destes pregos pressupõe, sem dúvida, a utilização de caixões ou padiolas nos ritos funerários da época”.

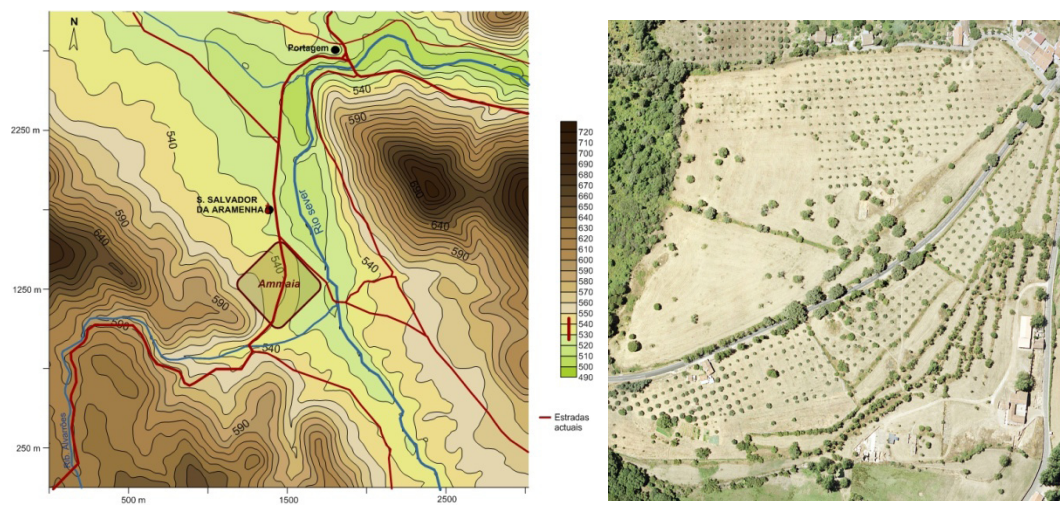
Localização de *Ammaia* no distrito de Portalegre:



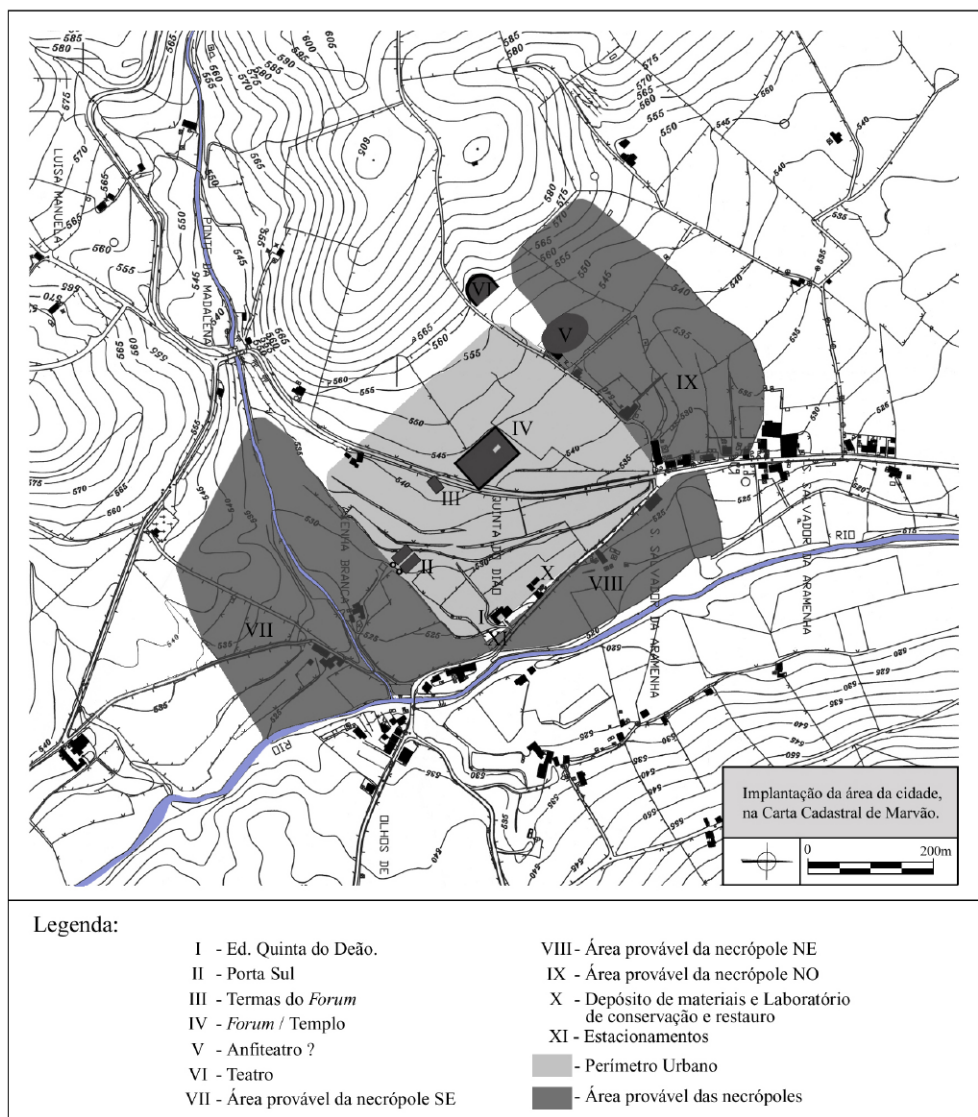
Localização de *Ammaia* na Carta Militar de Portugal, folhas 347 e 348:



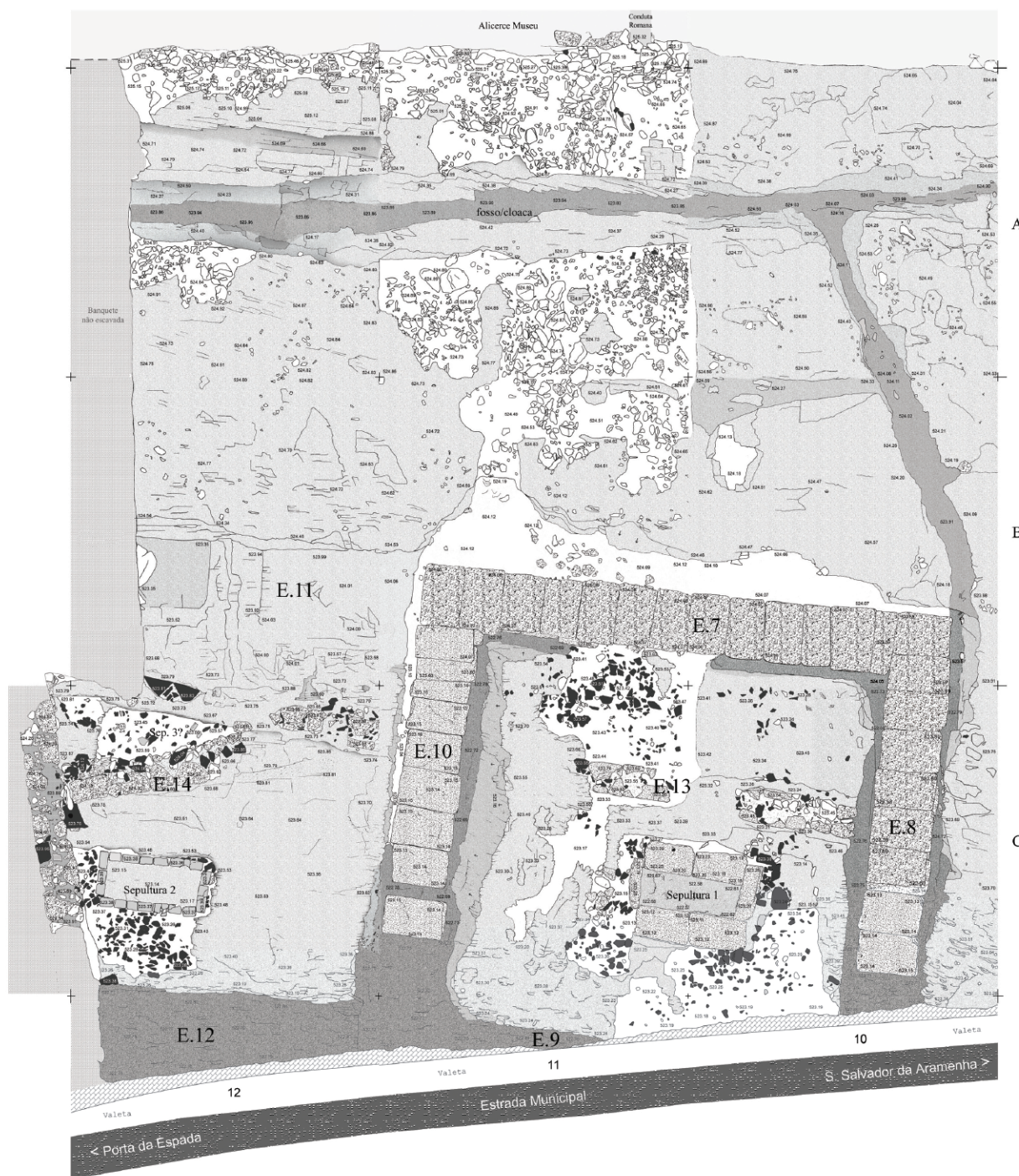
Localização de *Ammaia*, sobre cartografia elaborada em Surfer e sobre Ortofoto:



Cidade romana de *Ammaia* (Marvão - Portalegre):
Localização da área urbana e necrópoles.

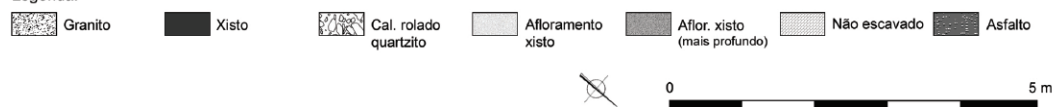


Anexo III



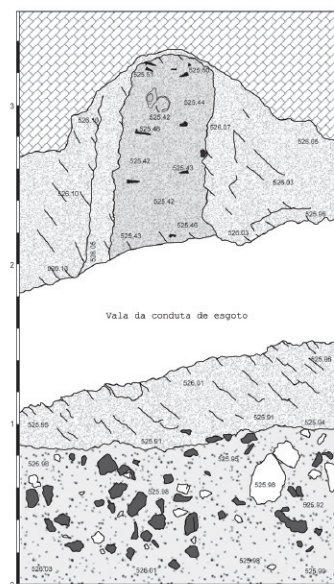
Cidade romana de *Ammaia*. Sector A. Estacionamento 1
Pormenor das quadrículas A-B-C / 10,11,12.

Legenda:

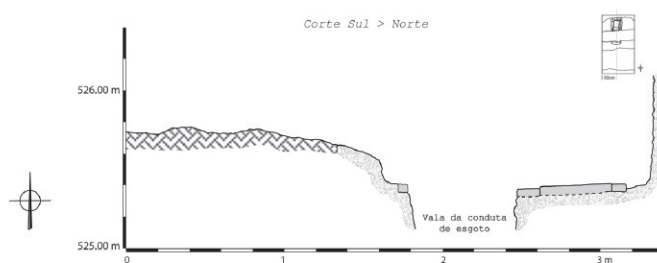
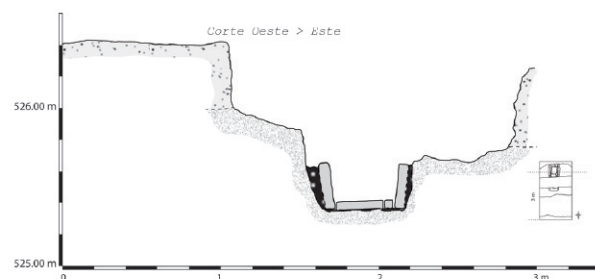
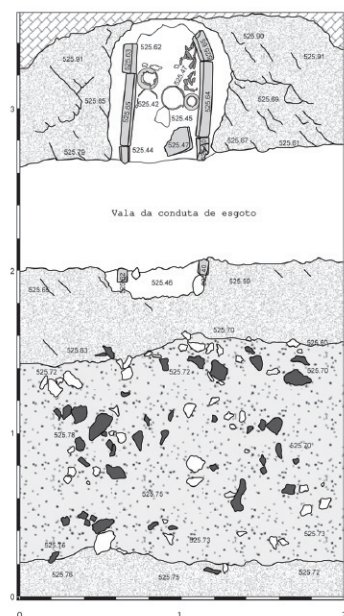


Anexo IV

Necrópole Nordeste - Sepultura 3
Plano 5 - [UE3] - Cota 525,45 m.



Necrópole Nordeste - Sepultura 4
Plano 4 - [UE4] - Cota 525,44 m.



Legenda:

- Argamassa
- Pedras (xisto)
- Pedras (calhau rolado)
- Muro de propriedade
- Cerâmica de construção
- Afloramento de xisto
- Terra
- Vale da conduta da Junta de Regantes
- Vale da conduta da Junta de Regantes

Materiais:

- Púcaro/cerâmica comum
- Potinho/cerâmica comum
- Taça/Terra Sigillata
- Pregos
- Lucerna
- Taça Vidro
- Taça/vidro
- Garrafa/vidro

ANEXO V

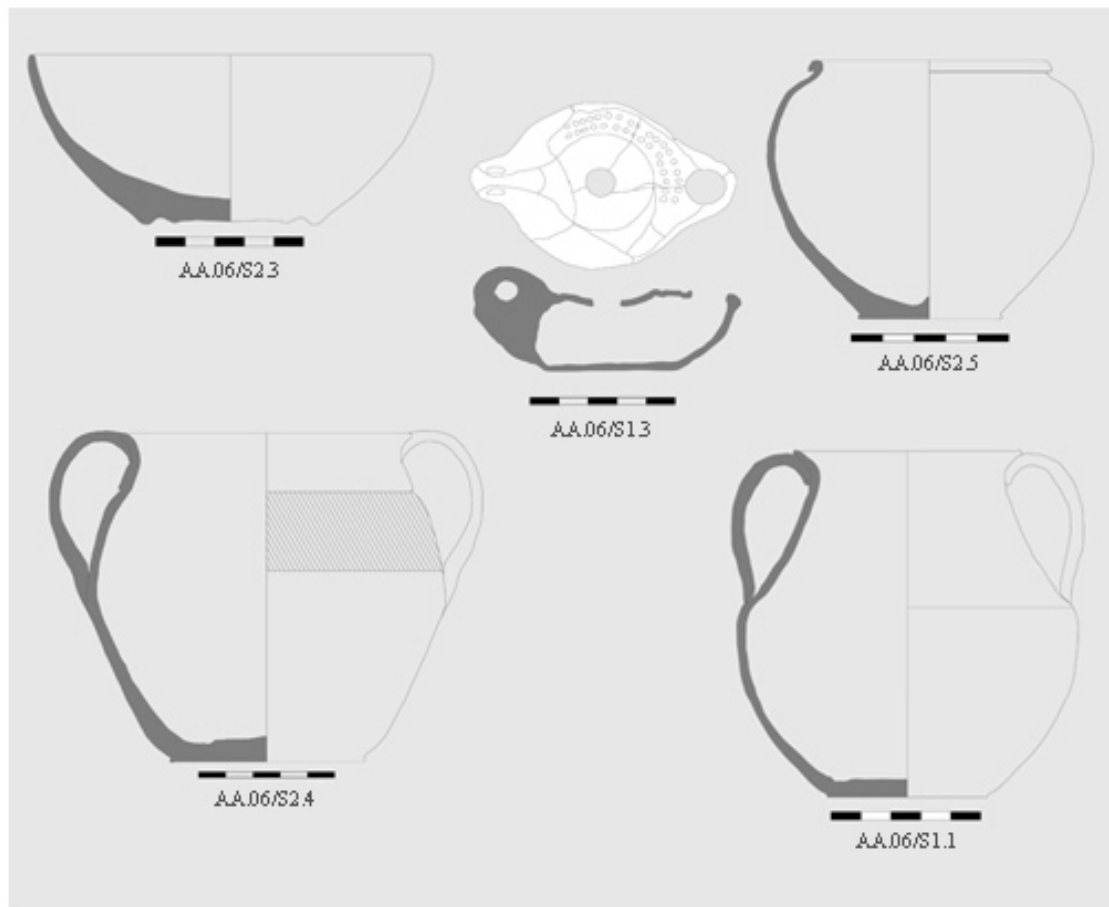


Tabela de vestígios osteológicos presentes nas Sepulturas 1 e 2 (Necrópole Nordeste)

H/F//M	Tipo de osso	Cremados	Coloração	Área, Quad., [UE]
Fauna	Indeterminado	sim	Cinza esbranquiçado	anulada
Fauna	Indeterminado	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [123].
Fauna	Osso curto	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [123].
Fauna	Indeterminado	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [123].
Humano	Frag. de osso longo	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [123].
Fauna	Indeterminado	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [123].
Fauna	Osso longo	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [123].
Humano	Frag. de crânio	sim	Cinza esbranquiçado	anulada
Fauna	Indeterminado	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [123].
Fauna	Indeterminado	sim	Cinza esbranquiçado	anulada
Humano	Frag. de crânio	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [123].
Fauna	Osso longo	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [123].
Fauna	Indeterminado	sim	Cinza esbranquiçado	anulada
Fauna	Indeterminado	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [123].
Humano	Indeterminado	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [123].
Humano	Frag. de crânio	sim	Cinza esbranquiçado	anulada
Mistos	Osso chato	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [125].
Fauna	Osso longo	sim	Cinza esbranquiçado	anulada
Fauna	Osso longo	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [123].
Humano	Frag. de crânio	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [123].
Humano	Frag. de crânio	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [123].
Mistos	Ossos longos/chatos	sim	Cinza esbranquiçado	anulada
Indeterminado	Indeterminado	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [123].
Indeterminado	Indeterminado	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 10-11, S.1; [82].
Mistos	Ossos chatos	sim	Cinza esbranquiçado	anulada
Mistos	Ossos longos/chatos	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [122].
Fauna	Osso longo	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 10-11, S.1; [82].
Indeterminado	Indeterminado	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 10-11, S.1; [82].
Indeterminado	Indeterminado	sim	Cinza esbranquiçado	anulada
Fauna	Osso longo	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [123].
Fauna	Osso longo	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [123].
Fauna	Osso longo	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [123].
Humano	Frag. de crânio e indeterminados	sim	Cinza esbranquiçado	anulada
Fauna	Osso chato	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [124].
Fauna	Osso chato	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [124].
Mistos	Indeterminado	sim	Cinza esbranquiçado	A / Es.1; C 12, S.2; [124].